

MÃE

José de Alencar

Drama em Quatro Atos

À MINHA MÃE

E MINHA SENHORA

D. ANA J. DE ALENCAR

Mãe,

Em todos os meus livros há uma página que me foi inspirada por ti. É aquela em que fala esse amor sublime que se reparte sem dividir-se e remoça quando todas as afeições caducam.

Desta vez não foi uma página, mas o livro todo.

Escrevi-o com o pensamento em ti, cheio de tua imagem, bebendo em tua alma perfumes que nos vêm do céu pelos lábios maternos. Se, pois, encontrares aí uma dessas palavras que dizendo nada exprimem tanto, deves sorrir-te; porque foste tu, sem o querer e sem o saber quem me ensinou a compreender essa linguagem.

Acharás neste livro uma história simples; simples quanto pode ser.

É um coração de mãe como o teu. A diferença está em que a Providência o colocou o mais baixo que era possível na escala social, para que o amor estreme e a abnegação sublime o elevassem tão alto, que ante ele se curvassem a virtude e a inteligência; isto é, quanto se apura de melhor na líia humana.

A outra que não a ti causaria reparo que eu fosse procurar a maternidade entre a ignorância e a rudeza do cativo, podendo encontrá-la nas salas trajando sedas. Mas sentes que se há diamante inalterável é o coração materno, que mais brilha quanto mais espessa é a treva. Rainha ou escrava, a mãe é sempre mãe.

Tu me deste a vida e a imaginação ardente que faz que eu me veja tantas vezes viver em ti, como vives em mim; embora mil circunstâncias tenham modificado a obra primitiva. Me deste o coração que o mundo não gastou, não; mas cerrou-o tanto e tão forte, que só, como agora, no silêncio da vigília, na solidão da noite, posso abri-lo e vazá-lo nestas páginas que te envio.

Recebe, pois, Mãe, do filho a quem deste tanto, esta pequena parcela da alma que bafejaste.

J. DE ALENCAR

Rio de Janeiro, 1859

PERSONAGENS

DR. LIMA
JORGE
GOMES
PEIXOTO
VICENTE
ELISA
JOANA

A cena é no Rio de Janeiro
A época 1855.

ATO PRIMEIRO

Em casa de GOMES. Sala de visitas.

CENA PRIMEIRA

ELISA e GOMES

GOMES - Já estás cosendo, minha filha?

ELISA - Acordei tão cedo... Não tinha que fazer.

GOMES - Por que me ocultas o teu generoso sacrifício? Cuidas que não adivinhei?

ELISA - O que, meu pai?... Que fiz eu?...

GOMES - São as tuas costuras que têm suprido esta semana as nossas despesas. Conheceste que eu não tinha dinheiro para os gastos da casa e não me pediste... trabalhaste!

ELISA - Não era a minha obrigação, meu pai?

GOMES - Oh! E preciso que isto tenha um termo!

ELISA - Também hoje é 3 do mês... Vm. receberá o seu ordenado.

GOMES - Meu ordenado?... Já o recebi.

ELISA - Ah! Precisou dele para pagar a casa?

GOMES - Depois que morreu tua mãe, Elisa, tenho sofrido muito. Além dessa perda irreparável, as despesas da moléstia me atrasaram de modo, que não sei quando poderei pagar as dívidas que pesam sobre mim.

ELISA - E são muitas?

GOMES - Nem eu sei... Já perdi a cabeça! Mas isto vai acabar... Não é possível viver assim.

ELISA - Que diz, meu pai!

GOMES - Perdoa, Elisa. Foi um grito de desespero... Às vezes, confesso-te, tenho medo de enlouquecer! Até logo.

CENA II

ELISA e JOANA

JOANA - Bom dia, iaiá.

ELISA - Adeus, Joana.

JOANA - Iaiá está boa?

ELISA - Boa, obrigada.

JOANA - Sr. Gomes já foi para a repartição...

ELISA - Saiu agora mesmo.

JOANA - Encontrei ele na escada. Hoje não é dia de lição de nhonhô Jorge?

ELISA - Segunda-feira.... É, e ainda nem tive tempo de passar os olhos por ela.

JOANA - Então como há de ser?

ELISA - Estou acabando esta costura. Já vou estudar.

JOANA - Pois enquanto iaiá cose, eu vou arrumando a sala: pode vir gente.

ELISA - Mas, Joana... Teu senhor não há de gostar disto!

JOANA - De que, iaiá?

ELISA - Tu nos serves, como se fosses nossa escrava. Todas as manhãs vens arranjar-nos a casa. Varres tudo, espanas os trastes, lavas a louça e até cozinhas o nosso jantar.

JOANA - Ora, iaiá! que me custa a fazer isso?... Nhonhô sai muito cedinho, logo às 7 horas; eu endireito tudo lá por cima, num momento, porque também tem pouco que fazer; e depois venho ajudar a iaiá que se mata com tanto trabalho.

ELISA - E o Sr. Jorge sabe disto?

JOANA - Que tem que saiba?... Não é nada de mal!

ELISA - Muitos senhores não gostam que seus escravos sirvam a pessoas estranhas.

JOANA - Iaiá não é nenhuma pessoa estranha... Depois, Vm. não conhece meu nhonhô? Não sabe como ele é bom?...

ELISA - Oh! sei!... Há um ano que é nosso vizinho, e nesse pouco tempo quanto lhe devemos!

JOANA - Mas iaiá é uma moça bonita!... E eu que sou sua mulata velha... desde que nhonhô Jorge nasceu que o sirvo, e nunca brigou comigo! Se ele não sabe ralar... Olhe, iaiá! Todas as festas me dá um vestido bonito... E não dá mais porque é pobre!

ELISA - Foste tu que o criaste?

JOANA - Foi, iaiá. Nunca mamou outro leite senão o meu...

ELISA - E por que ele não te chama - *mamãe Joana*?

JOANA - Mamãe!... Não diga isto, iaiá!

ELISA - De que te espantas? Uma coisa tão natural!

JOANA - Nhonhô não deve me chamar assim!... Eu sou escrava, e ele é meu senhor.

ELISA - Mas é teu filho de leite.

JOANA - Meu filho morreu!

ELISA - Ah! Agora compreendo!... Esse nome de mãe te lembra a perda que sofrestel!... Perdoa, Joana.

JOANA - Não tem de que, iaiá. Mas Joana lhe pede... Se não quer ver ela triste, não fale mais nisto.

ELISA - Eu te prometo.

JOANA - Obrigada, iaiá. *(Pausa.)*

ELISA - Devem ser perto de nove horas... O Sr. Jorge não tarda.

JOANA - É mesmo!... Ele que vem sempre à hora certa.

ELISA - Nem tenho vontade de estudar.

JOANA - Estão batendo.

CENA III

ELISA, JOANA e PFIKOTO

PEIXOTO - Viva, minha senhora! O Sr. Gomes?

ELISA - Há pouco saiu.

PEIXOTO - Já saiu! Tão cedo!... Ainda não são nove horas.

JOANA - Meu senhor, ele teve que fazer.

PEIXOTO - Nem de propósito! Sempre que o procuro, o Sr. Gomes não está em casa.

ELISA - O senhor não quer sentar-se?

PEIXOTO - Obrigado; tenho pressa.

ELISA - Por que não o procura na repartição?

PEIXOTO - Não estou para isso. Queria dizer-lhe que o Peixoto aqui veio e voltará dentro de meia hora.

ELISA - Sim, senhor.

PEIXOTO - Sem mais!

CENA IV

JOANA e ELISA

JOANA - Cruzes!... Que homem grosseiro, minha Virgem Santíssima!... Um senhor assim era um purgatório.

ELISA - Coitado! A culpa não é dele!

JOANA - De quem é então?

ELISA - Dos pais, que não lhe souberam dar educação.

JOANA - Que bom coração tem iaiá!... Desculpa tudo.

ELISA - Para que me desculpem também os meus defeitos, Joana.

JOANA - É o que iaiá não tem. Oh! Joana sabe conhecer gente! E então iaiá que está mesmo mostrando o que é, nesse rostinho de prata!

ELISA - Deixa-te disso, Joana.

JOANA - Ah! se iaiá soubesse como eu lhe quero bem!...

ELISA - Assim te pudesse eu agradecer como desejava!

JOANA - Inda mais, iaiá?

ELISA - Estás brincando!... Nunca te dei nada.

JOANA - Então iaiá!... Cuida que é pouco ver meu nhonhô feliz?

ELISA - Joana!...

JOANA - Não se zangue, não, iaiá, com sua mulata velha.

ELISA - Para que falas dessas coisas? Não gosto.

JOANA - Está bom! Eu calo a boca. Então ele não merece?

ELISA - Merece muito mais; porém...

JOANA - Ora, iaiá!... Não disfarce!...

ELISA - Outra vez?

JOANA - Eu só peço uma coisa. Nosso Senhor não me mate sem que eu veja isso. Há de ser uma festa!..

ELISA - Queres que eu me agaste deveras, hein?

JOANA - Não, iaiá, não! Mas que noivo bonito, e a noiva, hi!... Feitinhos um para o outro!

ELISA - Eu te peço, Joana...

JOANA - Nesse dia... Olhe, iaiá! Hei de pôr meu cabeção novo, como as mulatinhas da Bahia... Que pensa! Não faça pouco na sua escrava, iaiá! Joana também já foi moça... sabia riçar o pixaim e bater com o tacão da chinelinha na calçada; só - taco, taco, tataco! Oh! hei de me lembrar do meu tempo... Se eu já estou chorando de contente!... E meu nhonhô como não há de ficar alegre!

ELISA - Não gosto destas graças, já te disse.

JOANA - Que mal faz? É uma coisa que há de acontecer.

ELISA - Estás bem livre!

JOANA - Se iaiá não pagasse a meu nhonhô todo o bem que lhe quer...

ELISA - Que farias?

JOANA - Eu, iaiá?... Nada! Que pode fazer uma escrava?... Mas iaiá era ingrata!

ELISA Pois serei.

JOANA - Iaiá jura?... Não é capaz!... Nem que esse coração não estivesse aí saltando!

ELISA - Se continuas... Vou-me embora! (*Batem.*)

JOANA - Querem ver que é nhonhô!

ELISA - Bico!... Ouviste?

JOANA - Joana sabe guardar um segredo, iaiá.

CENA V

As mesmas e JORGE

JORGE - Como passou, D. Elisa?... Ah! Joana está lhe fazendo companhia!

ELISA - Veio conversar comigo.

JORGE - Quando precise de mandar por ela fazer alguma coisa, não tenha acanhamento, D. Elisa.

ELISA - Já lhe sou tão obrigada, Sr. Jorge!

JOANA - Eu não lhe disse, iaiá?

JORGE - O quê?

JOANA - Não vê, nhonhô, que estes dias, desde que o escravo do Sr. Gomes foi doente para a Misericórdia, eu venho fazer algum serviço, pouco...

JORGE - Tu és sempre boa, Joana!

JOANA - Não digas isso, nhonhô!

JORGE - Digo, sim! - D. Elisa, creio que minha mãe, a quem não conheci, não me teria mais amor do que esta segunda mãe, que me criou.

JOANA - Hô gente, nhonhô! Isso são modos de tratar sua escrava.

ELISA - O Sr. tem razão, Sr. Jorge.

JOANA - Não tem! Não tem!

ELISA - Basta ouvi-la falar do senhor.

JORGE - Ah! Ela falou-lhe de mim?... Que disse?...

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

